

UM

**Marcus
Bruzzo**

Semioticista e Pesquisador

MINUTO
E MEIO

**Temas urgentes
da Filosofia**

que mudarão sua
percepção do mundo,
mas não couberam
em um minuto e meio

70

Rio de Janeiro, 2025

Um minuto e meio

Copyright © 2025 Edições 70.

Edições 70 é um selo da Editora Almedina do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA).

Copyright © 2025 Marcus Bruzzo.

ISBN: 978-65-542-7298-8

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B893u
1.ed.- Bruzzo, Marcus.
Um minuto e meio: temas filosóficos urgentes que
mudarão sua percepção do mundo, mas não cabem em um
minuto e meio / Marcus Bruzzo. – Rio de Janeiro:
Edições 70, 2025.
160 p.; 15,7 x 23 cm.
ISBN 978-65-542-7298-8
1. Filosofia contemporânea. 2. Pensamento
crítico. 3. Cultura digital. 4. Comunicação e
tecnologia. I. Título.
CDD 192

Índice para catálogo sistemático:
1. Filosofia contemporânea ocidental - 192

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida.

A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Grupo Editorial Alta Books

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Editor da Obra: Marco Pace

Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs

Produtora Editorial: Andreza Moraes

Revisão: Gleise Barbosa

Diagramação: Aurélio Corrêa

Capa: Diego Santos



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



Editora
afiliada à:





SUMÁRIO

Filosofia é uma postura	5
A saber	15
A Tirania da Positividade	27
O que é genial?	35
Ensinar e educar	45
Anacronismo.....	59
O retorno do Estoicismo	65
Teleologia e fatalismo	81
A consciência reveste simplifica a realidade.....	89
Ideologia	95
A Modernidade e os Conflitos políticos	107
O caráter é algo imutável, ou reflete condições específicas?	117
O que é ser pós-moderno?	129
Institucionalização da Realidade.....	141
Medo dos fins	149

ANNO STRA



FILOSOFIA É UMA POSTURA

Não fosse indecorosamente irônico, iniciar um livro dizendo que o livro como mídia está fadado ao desaparecimento gradual até completa extinção cultural, talvez iniciasse exatamente assim. Fato é que utilizo esse suporte para avisar que os tempos exigem uma nova forma de nos comunicarmos, refletindo a ironia de quem pisa na grama para fincar a placa que alerta: “não pise na grama”. Como dizem por aí, a humanidade pode ser caracterizada pela resiliência e criatividade; concordo, mas adiciono a ironia. E essa ironia, aqui, vai de mal gosto a sintoma em um parágrafo.

Ao longo de toda a história da humanidade, uma profunda dicotomia prevaleceu no interior de todo ato comunicativo: queremos comunicar algo, mas para fazer isso, precisamos tomar de empréstimo uma linguagem inventada. O conteúdo da comunicação é nosso, do autor, mas a linguagem, o suporte, o estilo, não são. Por um lado, o que move a comunicação de um conceito, uma reflexão, uma expressão artística, seria uma intencionalidade instigada por um contexto cultural, ou uma situação pessoal daquele que comunica, mas por outro lado, essa mesma expressão necessita tomar uma forma que não foi determinada pelo comunicador. Em outras palavras, a intencionalidade da comunicação não define a linguagem comunicativa com a qual esta ideia é posta no mundo.

A arte, assim como a filosofia, enquanto métodos de descrever a realidade, estão igualmente sujeitas às variações de seus suportes, mas são ambas posturas constantes e inescapáveis. Por vezes, encontramos momentos históricos onde a arte venha a ser tolhida de uma maneira ou de outra, mas nunca completamente extinta. Basta lembrar o movimento de iconoclastia bizantina dos séculos VIII e IX, com a ordenação da destruição de todos os “ícones” para que se evitasse a idolatria às imagens. Movimento semelhante ressurge na variante calvinista do protestantismo, tornando o foco para o texto escrito ao invés das imagens pintadas. A presunção de que as imagens seriam um meio para alcançar a ideia de um deus — e por serem um meio (*medium*), deveriam ser extintas — encontra uma profunda contradição: a substituição dessas imagens por textos sagrados, ou mesmo as estéticas e narrativas das pregações e sermões, configura, igualmente, a criação de signos semióticos que intermediam a relação entre o crente e o deus cristão. Como nos lembra **Gilbert Durand**, a troca das imagens no protestantismo pela música de **Bach** não configura nada além da troca de umas imagens por outras imagens¹. Imagens sonoras são imagens, assim como imagens narrativas o são. O suporte se altera, o imaginário segue intacto.

As diversas tentativas de iconoclastia da história acabaram frustradas não por conta da revolta popular contra a censura, mas porque a proibição de um tipo de suporte imagético inevitavelmente cria uma profusão de outros meios para o imaginário. A arte é o suporte para uma postura “artística” de ver e sentir a existência, que desde cedo está presente na espécie humana, e é evidenciada com o eclodir da capacidade de simbolização, tanto nas esculturas (como o Homem-leão datado de aproximadamente 50 mil anos atrás) quanto nas pinturas rupestres como em Lascaux, ou melhor, as fofas capivaras desenhadas no Parque Nacional da Serra da Capivara (Piauí) de até 16 mil anos atrás. Prefiro estas últimas.

Mas precisamos reforçar o aspecto de que a estética, como uma linguagem, seja derivada de um momento histórico. Na arte, o conceito fica claro nos movimentos artísticos, onde cada artista manifesta

1 Durand, Gilbert. O Imaginário. Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Difel, 2011.

um pensamento (geralmente por encomenda), mas seguindo um estilo determinado ou derivado do seu contexto histórico. É impensável inserir **Van Gogh** no teto da Capela Sistina ao lado de um **Michelângelo**. Impensável pelo contexto histórico da linguagem artística, não que eu, pessoalmente, não preferisse. É neste ponto que encontramos criativos que, através da atitude, põem em xeque determinações estéticas em prol da manifestação artística ou intelectual. A arte tem diversos exemplos como **Picasso, Pollock, Banksy, Marina Abramovic** ou **Damien Hirst** que — cada um ao seu modo — notaram a institucionalização do pensamento artístico, e buscaram “furar a bolha” de um paradigma artístico sedimentado.

Vale, neste aspecto, lembrar o curioso caso de **Marcel Duchamp**, hoje já “elevado” a um clichê: Utilizar, em 1917, o espaço dedicado a uma obra de arte em uma galeria, para colocar um simples mictório. Ao contrário do que muitos interpretaram ao longo do século XX, a latrina colocada em um espaço dedicado à mais refinada arte não serviria para ofender o ato da expressão artística, nem tampouco, seria uma comprovação da incompetência artística de Duchamp, afinal, ele mesmo, já havia produzido belíssimas telas com a intrincada estética futurista como a “*nu descendant un escalier*”, um mix de futurismo com Picasso.

Curiosamente, a obra foi rejeitada de princípio pelo comitê de seleção da exposição, porque a afamada “*Fountain*” não havia sido considerada, afinal, como uma “obra de arte”; não havia nada ali para além de um objeto cotidiano, que não exigia qualquer capacidade genial do autor para que fosse digno de admiração. Como **Hal Foster**² sintetiza quando Duchamp levou o banheiro à galeria de arte, além do escândalo gerado, a atitude deveria ser interpretada sobretudo como uma provocação, e que esta seria tanto epistemológica (o que conta como arte?) quanto institucional (quem determina isso?).

A obra de arte passa a ser um gesto, e é interpretada pela justaposição de significados, um efeito gerado pelo seu deslocamento do esperado, do estado ou comportamento considerado padrão. É neste sentido que o grande filósofo tcheco-brasileiro **Vilém Flusser** interpreta este caso, em *Universo das Imagens Técnicas*, quando diz que Duchamp “dei-

2 Hal Foster — *Prosthetic Gods* (October Books) (2004).

xou de fazer ‘arte’ no significado banal para dedicar-se ao xadrez como campo de criatividade”³. Tanto a arte quanto a filosofia possuem seus correspondentes históricos em crises de estética, expressão, abrangência e relevância, e sendo ambos “conceitos” trafegados por “linguagens”, estiveram intimamente conectados com as possibilidades e limitações derivadas dos momentos históricos em que se inserem.

Mas a arte sai à frente em um aspecto crucial; as manifestações artísticas têm encontrado expressões condizentes com seus momentos históricos de forma mais ampla e ágil do que a filosofia. Enquanto a arte segue adaptada e inserida no campo das expressões humanas, se fazendo valer dos suportes, linguagens e tecnologias novas em qualquer instante da história, a filosofia — uma postura da “experiência vivente” diferente (e complementar) àquela da arte — não encontra um cenário favorável nas dinâmicas da vida contemporânea.

É verdade, poder-se-ia argumentar que a arte, em sua abrangência popular, tenha sido aglutinada pela indústria do entretenimento, violenta e rapidamente desenvolvida ao longo do século XX. O cinema elevado à “sétima arte” é característica dessa crise de sujeição da criatividade humana à lógica comercial, diriam **Adorno** e **Horkheimer**. Nem o jazz escapou à crítica. Mas não sou partidário da redução da arte ao estado contemplativo escolado, que exija cursos caros e clubes e vinhos importados para poder ser apreciada. Pelo contrário, a arte é um texto social como qualquer outro texto e, assim o sendo, é um mecanismo gerador de sentidos como diria **Yuri Lotman**, criador da Semiótica da Cultura, e por esta razão é imediatamente acessível a todos os seres humanos, queríamos ou não. Um texto, não no sentido de tráfego rígido de informação ao estilo **Claude Shannon**, mas como um gerador de novos sentidos a cada um que o lê, uma plataforma aberta. Neste sentido, tanto na indústria do entretenimento com sua redução de multiplicidades criativas a fórmulas de sucesso, quanto nas alternativas das galerias de arte inacessíveis ao público geral, a arte gera sentido. A arte, seja industrial ou elitista, de **Matisse** aos grafites de rua, do muralismo de **Rivera** às peças caríssimas de **Anish Kapoor**, gera sentido.

Mas e a filosofia? Como postura reflexiva, a filosofia não desfruta dos mesmos espaços de popularização, nem tampouco foi abarcada

3 Vilem Flusser— O Universo das Imagens Técnicas (2008).

pela indústria do entretenimento; imagine o tédio de uma série da Netflix sobre a epistemologia do positivismo lógico. As obras filosóficas que se espalham nos tecidos da cultura atual, de certo, instigam posturas reflexivas, mas a opacidade dos seus sistemas de pensamento não permite que as pessoas instigadas à reflexão por estas obras possam simplesmente prosseguir comunicando estes pensamentos de maneira ampla e popular. Não se trata aqui da exigência pelos formalismos acadêmicos, como se quiséssemos que as pessoas saíssem por aí refletindo coisas como “este filme criou uma *sorge* heideggeriana no meu *dasein*”, ou “a crítica Kantiana à metafísica ficou clara nesta propaganda”. Confesso que amaria viver neste mundo, mas a nossa preocupação revestida de crítica refere-se ao desnivelamento da permeabilidade da filosofia, como uma postura de experiência de vida, frente à capacidade da arte, nos dias atuais. Isso não significa dizer que a filosofia não esteja presente — retornaremos a isso em um instante —, mas que embora ela esteja presente em absolutamente tudo que compõe a trama da vida social, ela não é percebida desta forma. Isso faz com que o presente esforço não seja o da criação de uma educação filosófica formal — isso já falhou — mas de despertar as pessoas para um fato ao qual já estão expostas, a dizer, a postura filosófica.

Anaximandro, filósofo pré-socrático da escola de Mileto, é a prova de que a filosofia nasceu com a ambição inicial de ser a estruturação do pensamento sobre as descobertas científicas. Dois mil e seiscentos anos atrás, ele levantava questões sobre o vácuo onde a terra estaria inserida, assuntos correlatos à eternidade e infinitude do espaço, assim como aventou explicações evolutivas para a espécie humana. O amor pelo saber (*philos-sophia*) se faz valer, necessariamente, da instrumentação. Mas quando cito a despriorização da filosofia como postura na cultura ocidental, intento jogar a luz para o fato historicamente estabelecido de desprezo do pensar reflexivo, do raciocínio crítico, com direta relação à ampliação das ciências técnicas desde o iluminismo. Sobrou apenas a instrumentação, nada mais. Este iluminismo, ou esclarecimento, se refere à eclosão das ciências como as conhecemos, decorrida entre os séculos XVII e XVIII, como resultado das grandes revoluções existenciais. Elas foram causadas por descobertas e experimentações intelectuais e práticas desde **Descartes**, passando por **Copérnico**, **Newton**, **Kepler**, e outros, sendo descobertas que retiram o

ser humano do centro do universo. Já no século XIX, mais uma cisão profunda ocorre; **Darwin** retira o ser humano do objetivo final da história. **Freud** viria em seguida retirando o ser humano do ser humano. Freud chamou este processo de feridas narcísicas.

Todas estas descobertas transformadoras foram realizadas através da técnica científica estruturada pela razão, geralmente instrumental, ou da ambição de orientar o saber à construção indutiva, isto é, por meio de metodologias científicas derivadas de experimentações e registros instrumentais.

O problema? O foco na experimentação da realidade por meio de instrumentos acaba por tornar estes instrumentos o próprio foco. Tomamos as coisas da lógica pela lógica das coisas, dizia o filósofo. Conforme prometido, retorno à provocação anterior: embora todas estas metodologias que orientam o processo científico mais atual sejam fruto do raciocínio indutivo sistematizado, isto não significa dizer que a filosofia não esteja presente, ela apenas não é mais notada. A dedução, ou raciocínio dedutivo, comumente recebe *status* secundário no método científico pela sua falta de comprovação (falseabilidade) do seu produto, o que faz sentido no interior das ciências práticas que exigem observação e registro de fenômenos para manipulação de estados e geração de resultados esperados. Mas relega ciências (saberes) que investigam fenômenos de sistemas de complexidades superiores, como por exemplo a psicologia, ao *status* de *quasi-ciência*, quando não pseudociência, como indicaria o problema da “demarcação da ciência” de **Karl Popper**.

Note que a despriorização da reflexão crítica, desde o iluminismo, e as premissas do racionalismo científico cartesiano, cedem aos instrumentos o status de “fontes da verdade”, por serem aferíveis e consistentes. Não se trata de uma crítica aos instrumentos como meios de conhecimento, mas que sejam postos como fins. Como **Heidegger** frontalmente aborda em seu *Questão a Respeito da Tecnologia*, a tecnologia é o meio para algum fim, e deve ser compreendida como um processo que contém riscos de criar ilusões que ocultam seus objetivos ou princípios. Mais que isso, Heidegger reforça que a tecnologia seja uma forma de revelação, e mesmo seu sentido epistemológico revela isso: *Techné* do grego foi relativo a Episteme desde Platão, ou seja, a tecnologia pode ser compreendida literalmente como “uma forma

de pensar”, não como simples aparato. Estes objetivos que estão instaurados nos instrumentos que nos cercam são, necessariamente, filosóficos, de forma que todo esforço instrumental da modernidade — cada aparelho ou instrumento científico ou de mercado — reflete um modo de viver, uma visão de mundo, uma cosmovisão cultural, e portanto, presta serviço a ela. A filosofia está na razão e no formato da tecnologia, assim como está também nos princípios pelos quais o instrumento é criado, nas perguntas que são ou não são feitas.

Em 25 de dezembro de 2021, lançaram ao espaço o telescópio **James Webb**, um instrumento criado ao custo de 10 bilhões de dólares, em um projeto que tomou 20 anos de desenvolvimento. A razão de sua construção é uma questão filosófica por excelência; qual a origem do universo? Por esta razão, ele foi concebido com capacidade de captar luz a infravermelha das galáxias mais antigas (*red shifted*), se aproximando ao momento inicial do *big bang*. O caráter da ação científica por meio dos instrumentos remonta a denúncia de Heidegger sobre a tecnologia ser uma revelação; o James Webb não é um mero instrumento, é a revelação da intimidade das questões existenciais humanas do nosso tempo. Isso não ocorre apenas pela pergunta feita, “qual origem do universo?” mas pelo local e forma pela qual se busca estas respostas. Composto de sensores, o telescópio não capta apenas imagens, mas dados, sendo frequências que possam ser convertidas para imagens no final, ou lidas em suas variações para interpretar a composição química dos gases da atmosfera de um planeta, por exemplo. Os dados, por si só não possuem expressão, são sinais inertes, sendo que a informação, para ter relevância, deva ser interpretada, e justamente esta interpretação é o fator que revela uma atuação fundamentalmente filosófica no coração da ciência mais atual.

A critério de curiosidade, o telescópio James Webb revelou galáxias maiores e mais “maduras” do que se esperava ver no início do universo, o que sinaliza uma crise no paradigma científico (pela terminologia de **Thomas Kuhn**) acerca da idade do universo, e por consequência, se une a outras crises sobre o ‘verso’ ser “uni” de fato, na esteira de **Roger Penrose**. Todas estas questões, das fronteiras da ciência são questões existenciais humanas, estruturadas intelectualmente pela postura filosófica, mas reduzidas, muitas vezes, à lógica instrumentalista.

Pela ilustração de todos estes casos podemos compreender a angústia que me incita. No fim de 2023 decidi abrir a câmera do meu celular, e começar a registrar passagens provocadoras sobre temas que movem. Também, porque falar sozinho o tempo todo estava começando a causar situações peculiares — “por que você não começa a gravar?” falavam, e nunca considerei com seriedade. Em partes por medo do *flop*, em partes por medo de dar certo. Por temas que movem, refiro-me a ideias, posições epistêmicas que, por ter trafegado por longos e tediosos livros filosóficos de linguagem densa, morosa e desestimulante, acabei encontrando. Lá, na página trezentos dezessete de um livro encontrado ao acaso na prateleira, em um domingo chato, passo por uma ideia delicada e extremamente poderosa, perdida em um mundo de caos e complexidade, que me faz parar tudo e ter que refletir olhando pro teto por um tempo. São passagens que ficam em nós, que nos modificam, geralmente porque geram mais vácuo, mais faltas, mais vastidão, e justamente por isso, movem. Desejo é falta, **Lacan** diria. Pode ser que se encontre em **Rousseau**, **Agamben**, **Uexküll**, **Aristóteles** ou **Nietzsche**, desta amplitude de todas as possibilidades, as boas ideias, as forças motrizes da minha vida, estão perdidas em meio a volumes imensos de complexidade.

A minha angústia era testemunhar estas passagens, estes pensamentos, estas reflexões ou posturas, sozinho. Porque, pela forma como o mundo se organiza atualmente, não temos quaisquer chances de supor que as pessoas possam se dar ao luxo de se embrenhar por demoradas horas, em obras longas, sobre a epistemologia heideggeriana, após um longo dia de trabalho e três horas no transporte público.

Revelo, em alguns vídeos, que a leitura de livros está se tornando um *hobby* de elite, por um lado pelo preço de um livro no Brasil, e por outro lado pelo alto custo de algumas horas destinadas apenas para ler. Mas para comunicar estas ideias, não poderia também criar vídeos longos e extenuantes, isso já existe aos montes! Busque sobre filósofos e encontrará vídeos de simpósios, palestras ou seminários, de duas, três horas de duração. É fato, em certa medida, que o saber exija esforço individual — não podemos negar —, mas há um limite até onde podemos culpabilizar o indivíduo por um modelo de vida social que o precede, e neste modelo, não há espaço nem prioridade para leituras. Antes de impormos leituras, precisamos criar espaços e priorizar

a prática. Então me restava a pergunta: como fazer com que as pessoas se sentissem tocadas pelos conceitos como eu me senti? Como causar aquela centelha de curiosidade? E depois de extensa reflexão, não cheguei a qualquer conclusão: peguei o celular, sentei no sofá, e gravei como veio. Assim foram todos os demais vídeos. Sem roteiro, sem *script*. Essa se tornou rapidamente uma condição ambivalente: por um lado, o formato permite que se comunique absolutamente qualquer coisa de forma rápida e penetrante. Explicar os mais fascinantes pensamentos da humanidade, os mais intrincados sistemas intelectuais, os movimentos culturais passados e atuais, mas por outro lado, exige que tudo isso seja feito em um espaço de tempo angustiantemente curto; um minuto e meio. O que define este tempo não é a proporção áurea do número phi, sequências **Fibonacci**, a *mathesis* de **Leibniz** ou qualquer coisa do tipo. Foi **Mark Zuckerberg**, CEO da Meta no Vale do Silício, dona do aplicativo *Instagram*. Neste aplicativo, vídeos populares (*Reels*) têm o limite de um minuto e meio.

Desde então, criei comunicações diárias sobre conceitos profundos da filosofia e da cultura, atual ou passada, do racionalismo à fenomenologia, dos existencialismos ao materialismo dialético, da escolástica à filosofia da ciência mais contemporânea, sempre balizado pelo lema de que “não se deve haver explicações mais complexas do que os conceitos que abordam”. Essas comunicações deram certo, os comentários e participações são legitimamente engajados e positivos, e se construiu uma comunidade gerando um refúgio nos “dromocráticos” domínios da sociedade em redes. Um oásis de paz na rede? O imperativo da velocidade, aqui, precisou se tornar uma ferramenta. Lembra-se do mal estar da filosofia que sempre ficou para trás na corrida de adaptação aos novos meios, frente à arte, tão rápida e adaptável?

Cada vídeo, um novo desafio, de um minuto e meio.